

# FRIENDLY FIRE OU PÓLVORA SECA?

Gonçalo Curado

Qualquer espectador mais desatento estranhará que obras como *The Troubled Partnership* (Henry Kissinger, 1965), *Europe Without America?* (John Palmer, 1987), ou *Allies in Crisis* (Elizabeth Sherwood-Randall, 1990) sejam contemporâneas daquela que é geralmente equacionada como a época áurea da parceria transatlântica. Ser-lhe-á, igualmente, curiosa a renovada actualidade de Josef Joffe, que na *Foreign Affairs* da Primavera de 1981 escrevia: «a crise acerca do Afeganistão deixou um legado de confusão, desconfiança e ressentimento que, em retrospectiva, faz as várias disputas do passado parecerem pequenas querelas familiares»<sup>1</sup>. Na realidade, se o pressuposto original da NATO de «manter os russos fora, os alemães em baixo e os americanos dentro» triunfou no espaço euro-atlântico, esta nunca terá sido uma parceria plenamente pacífica. Desde a crise do Suez de 1956 até à resistência, nos anos 80, da opinião pública europeia à instalação de mísseis americanos em solo alemão, passando pelo abandono francês da estrutura militar da NATO em 1966, meio século de pacto transatlântico não esconde a sucessão de endémicos focos de tensão.

No entanto, se os eventos de 1956 ou de 1966 podem ser equacionados como uma simples «querela familiar», estes apresentam relevantes assimetrias face ao quotidiano de 2002-03. Uma década poderá ter

dado razão a John Mearsheimer, que num número da *International Security* de 1990, advogava que o fim da Guerra Fria e do sistema internacional bipolar, e a ausência de uma ameaça unificadora como a União Soviética, poderia levar ao declínio, ou mesmo ao colapso, da aliança atlântica<sup>2</sup>.

Com a década de 90 e a sua original unipolaridade, Fukuyama proclama *O Fim da História* e nasce a necessidade de uma reconsideração do pacto transatlântico, agora centrado na comunhão de valores liberais e democráticos. Hoje, porém, Charles Krauthammer decreta a «morte» da NATO; Robert Kagan afirma que dicotómicas concepções de «poder»

ELIZABETH POND

## **Friendly Fire: The Near Death of the Transatlantic Alliance**

Washington DC,  
Brookings Institution/  
European Union  
Studies Association  
(EUSA),  
2004, 141 páginas

PHILIP GORDON  
E JEREMY  
SHAPIRO

## **Allies at War: America, Europe and the Crisis Over Iraq**

Nova York,  
Brookings Institution,  
2004, 266 páginas

dividem europeus e americanos como Vénus e Marte, e para Charles Kupchan, a única solução para os dois lados do Atlântico será mesmo um divórcio amigável.

Se na vulnerabilidade do pós-11 de Setembro o simples Wilsionianismo internacionalista perdeu a sua acutilância, e o «realismo Kissingeriano» deixou de fazer sentido, para neo-conservadores como Krauthammer terá chegado a hora do «realismo democrático» da «era unipolar», radicado na singularidade do poder americano condicionado à propagação global dos valores democráticos. Recorrendo ao argumento de Kagan, que afirmou que «o unilateralismo deve preceder o multilateralismo» para este resultar, a Administração Bush pós-11 de Setembro desde logo se despojou dos seus iniciais intentos de uma política externa «humilde», acolhendo um lato intervencionismo no sistema internacional.

A fórmula adoptada para as questões de segurança global passou pelo que Richard Haass baptizou de «multilateralismo à la carte», baseado em coligações *ad hoc*, segundo a lógica de «if you build it, they'll come», e dependente de uma legitimação internacional *ex post*. O contexto de desagregação da ordem vestafaliana impõe que questões como o Iraque devam ser resolvidas pela maximização da liberdade de acção americana, liberta das amarras dos seus liliputianos aliados europeus e de instâncias internacionais.

Mas será unânime a iminente derrocada do *modus vivendi* deste meio século de parceria atlântica? Que ecos nos chegam do outro lado do debate académico?

### ICH BIN EIN IDEALIST

*Friendly Fire* é um superior exemplo do emergente «idealismo construtivista» que Jack Snyder descreve como a «teoria que enfatiza o papel das ideologias, identidades, persuasão e redes transnacionais»<sup>3</sup>. Elizabeth Pond, correspondente do *Washington Quarterly* e editora da *Internationale Politik Transatlantic Edition*, opta por analisar o mais recente cisma transatlântico pelo prisma ideológico.

Numa obra profundamente descritiva, o foco incide sobre as dicotómicas concepções de segurança global. Quando logo na primeira frase se lê que «no princípio havia Paul Wolfowitz, Robert Kagan e as suas almas gémeas», não podem restar dúvidas acerca da culpabilização neoconservadora que irá orientar todo o discurso. De facto, Pond faz remontar as causas do cisma transatlântico ao apelo de William Kristol por um regresso à «benevolente hegemonia» de Reagan e ao *Project for the New American Century* que, em 1998, juntou as vozes de Kristol, Kagan, Perle e Donald Rumsfeld na defesa de uma intervenção americana no Iraque.

Os longos anos de permanência da autora em Berlim e o seu currículo bibliográfico de análise da «questão alemã» e do processo de integração europeia, terão condicionado a sua obra ao estudo das relações Alemanha-EUA, sendo a França uma miragem ao longo de todo o texto. No lugar de Chirac e de Villepin encontramos a sua exasperação face à marginalização da Europa nas concepções estratégicas de Washington. Partindo do sucesso da construção europeia e da pacificação da Alemanha, Pond propõe a legitimação da

política externa americana pelo regresso a estruturas multilaterais e ao *soft power* de Joseph Nye. Presente-se uma tentativa de encarar a tensão de 2002-2003, não como o resultado da contradição entre o poder americano e a fraqueza europeia, mas como produto da difícil confluência entre a hegemonia americana e a interdependência inerente à globalização. A sua análise *in loco* da realidade política alemã permite-lhe igualmente refutar o argumento de que a oposição de Schröder à intervenção no Iraque teria propósitos meramente eleitoralistas. A estas vozes Pond contrapõe a sua visão de um difícil entendimento transatlântico quando, nas duas margens da aliança, repousam esparsas concepções de segurança e de acção e recorda o leitor que a Alemanha esteve particularmente activa no Afeganistão e no Kosovo.

Em *Friendly Fire* os EUA não deixam de ser a potência hegemónica que impõem uma *Pax Americana* mais militar do que imperial, com raízes em Wilson e Roosevelt, mas a Europa não é o elo mais fraco da aliança. Da Europa, *threshold* democrático, depende a legitimação da força hegemónica, pela sua ênfase na moralidade da acção e pelo seu recurso a instâncias de legalidade internacional. Práticas de *cherry-picking* que conduzem a fenómenos como os «10 de Vilnius» e «multilateralismos à la carte» são, para Pond, não o resultado, mas incentivos à desagregação da aliança atlântica. A política externa americana não poderá abdicar de uma legitimação moral e é no seu eco europeu e no consenso atlântico que parece residir o «teste global» da autora.

## CAUSAS CIRCUNSTANCIAIS E AZAR

O argumento da carência americana de legitimidade tutelada extravasa directamente do discurso de Elizabeth Pond para as páginas de *Allies at War*. Escrita por Philip Gordon, antigo responsável pelos Assuntos Europeus do National Security Council de Clinton e Jeremy Shapiro, com longa carreira no *think-tank* da RAND Corporation, esta é uma obra mais ponderada e analítica. Onde Pond invoca a premeditação neoconservadora, Gordon e Shapiro identificam circunstâncias contingentes que os levam a concluir por uma culpabilização partilhada.

Pela análise da sucessão de crises transatlânticas, estas duas eminentes figuras da Brookings Institution sustentam a tese de uma parceria há muito assolada por sintomas de crise. Para Gordon e Shapiro, a própria Administração Clinton e a sua gestão nos casos particulares do Kosovo e do Tribunal Penal Internacional, hoje revista em tons sebastiânicos, servem de exemplo acabado de uma aliança dividida entre o peso militar da «potência indispensável» e a manutenção do *status quo* baseado na cooperação. Este regresso a uma cronologia de tensão não comporta, contudo, uma visão fatalista. Aos seus olhos, a cisão acerca do Iraque foi tudo menos inevitável.

Evitando argumentos estruturais ou ideológicos, os autores preferem apontar o erro humano e citar uma confluência de incidentes circunstanciais, tais como «um grande nível de contingência, personalidade, imprudência diplomática, liderança falida, incapacidade de prever a resposta iraquiana e azar». Recorrendo a causas

momentâneas e acentuando a particular animosidade entre Bush, Blair, Powell e Chirac, Schröder e de Villepin, bem como a inconveniência do processo eleitoral alemão, Gordon e Shapiro esforçam-se por atenuar aquilo que muitos vêem como uma tendência de longa duração. Este é o grande mérito de *Allies at War*. Entre Charles Kupchan, que pressente o regresso à rivalidade de Roma e Bizâncio, e Antony Blinken, que fala de uma «falsa crise atlântica», Gordon e Shapiro preferem uma explicação intermédia. Nas suas páginas encontramos não uma incompatibilidade de interesses e valores, mas de soluções e respostas.

Retomando Robert Cooper, os autores descrevem uma Europa onde as políticas de força prescreveram em função do processo de integração e de pacificação interna. Uma Europa de contingência que dificilmente aceitaria uma política de «mudança de regime» face ao Iraque. Esta estrita interpretação europeia do rácio custos/benefícios de uma solução militar terá sido erroneamente equacionada pelos Estados Unidos. Um regresso ao maniqueísmo de Reagan, a doutrina de preempção do discurso de West Point e a consagração de soluções militares unilaterais pela *National Security Strategy* de 2002 dificilmente conquistariam os «corações e mentes» dos europeus. Mas em Washington, Richard Holbrooke, ao afirmar que a França iria «representar o seu habitual papel de difícil aliado» para, no fim, condescender à vontade americana, regressava à tese de Bush I que, em 1991, escrevia no seu diário que «os ingleses são fortes e os franceses são franceses»<sup>4</sup>. Segundo

Gordon e Shapiro, mais do que o populismo eleitoralista de Schröder, ou que a resistência europeia a uma hegemonia americana, o real foco da crise transatlântica reside na desmedida confiança da Administração de Bush filho na sua «liderança assertiva» e na vontade franco-germânica de recuperação da liderança política europeia. Fontes transitórias de tensão que, combinadas com as «filosofias, personalidades, decisões e erros dos líderes de 2001-2003, contribuiriam para o aprofundar do confronto transatlântico acerca do Iraque».

#### **EM BUSCA DO CONSENSO PERDIDO**

Se muitos dos argumentos que encontramos em *Friendly Fire* e em *Allies at War* já perderam algum sentido ou comportariam um selo de validade até 2 de Novembro, outros asseguram a actualidade e indispensabilidade de ambas as obras. Por exemplo, face a Krauthammer, que insiste em falar de um anti-semitismo europeu e a James Ceaser, que na *Public Interest* acentua o crescendo do anti-americanismo europeu<sup>5</sup>, Elizabeth Pond introduz uma excelente argumentação ao contrapor a diferença entre uma opinião pública anti-Bush e anti-Estados Unidos da América. Estas duas obras procuram ser tudo menos crónicas de uma morte anunciada. Ambas proclamam a necessidade e a viabilidade de uma aliança atlântica. No entanto, as suas pormenorizadas narrativas acerca da patologia do cisma transatlântico não encontram correspondência na identificação de uma possível terapia. Enquanto que em *Friendly Fire* nos deparamos com uma óbvia descontinuidade

entre um fosso ideológico atlântico que se tende a acentuar e a futura sobrevivência da parceria, em *Allies at War* a ténue invocação da necessidade de «padrões», «normas» e «deveres» da aliança, é, por demais, insuficiente. Apesar de, nas páginas da *Prospect* de Julho de 2004 encontrarmos Philip Gordon a apelar a um «new deal» transatlântico<sup>6</sup>, a sua obra conjunta com Jeremy Shapiro é bastante vaga no que toca a projectos concretos de futura cooperação. Os autores, exiguentemente, apelam a uma intervenção aliada na pacificação do Iraque; à promoção conjunta de uma solução de dois Estados para o conflito israelo-palestiniano e de uma democratização do Grande Médio Oriente; à revitalização a estrutura militar da NATO como complemento a uma política de defesa europeia; a uma agenda comum (Euro-3 e Estados Unidos) para o caso iraniano e a uma parceria no combate ao terrorismo que evite as ambiguidades da Resolução 1441. Mas será isto suficiente? Ainda que as duas obras dificilmente pudessem antecipar o novo fôlego transatlântico

proporcionado pelas recentes eleições ucranianas, o leitor não deixará de estranhar a ausência de soluções para a questão norte-coreana e para o retorno ao diálogo diplomático. Qualquer proposta de regresso a uma situação de parceria terá de ir mais longe. Depois da estagnação contemplativa decorrente do período eleitoral americano, a Ucrânia abriu novas oportunidades à aliança atlântica. Mesmo que a presença europeia na reconstrução do Iraque permaneça duvidosa, a resposta à questão nuclear iraniana pela cooperação entre as cenouras europeias e cacetes americanos e uma solução conjunta para o conflito israelo-palestiniano e compromissos partilhados na iniciativa de democratização do Grande Médio e do Norte de África, surgem como projectos viáveis para o futuro da aliança ocidental. Num quotidiano de unipolaridade e face à ausência de uma ameaça unificadora, mais do que dicotomias ideológicas ou quebras do protocolo diplomático, «o último desafio para a aliança será», como afirmou Henry Kissinger, «a demanda de um propósito comum»<sup>7</sup>. **RJ**

## NOTAS

<sup>1</sup> Joffe, Josef, «European-American relations: the enduring crisis», in *Foreign Affairs*, 59: 4, Primavera de 1981, p. 835.

<sup>2</sup> Mearsheimer, John, «Back to the Future: Instability in Europe after the Cold War», in *International Security*, 15, Verão de 1990, pp. 15-28.

<sup>3</sup> Snyder, Jack, «One World, Rival Theories», in *Foreign Policy*, 145, Novembro-Dezembro de 2004, p. 60.

<sup>4</sup> Bush, George e Scowcroft, Brent, *A World Transformed*, Nova York, Knopf, 1998, p. 383.

<sup>5</sup> Ceaser, James, «A Genealogy of Anti-Americanism», in *The Public Interest*, 152, Summer 2003.

<sup>6</sup> Gordon, Philip, «Letter to Europe», *Prospect*, 100, Julho de 2004, p. 26.

<sup>7</sup> Kissinger, Henry, «America's Assignment», in *Newsweek*, vol. CXLIV, n.º 19, 8 de Novembro de 2004, p. 23.